



# VOZ DA FÁTIMA

«Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação e serão queridas de Deus estas almas como flores postas por mim a adornar o seu trono.»

(Palavras de Nossa Senhora dirigidas especialmente à Lúcia na aparição de 13 de Junho de 1917)

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar  
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336  
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LII N.º 621  
13 DE JUNHO DE 1974  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

## Problemas do Santuário

### Peregrinos ou Turistas em Fátima?

À volta da Capelinha das Aparições, e nas entradas do Santuário, foram afixados ultimamente alguns cartazes que têm por finalidade ajudar a criar ambiente no recinto sagrado, além de informarem sobre as principais actividades em que os visitantes podem tomar parte. Distinguem-se geralmente, nesses cartazes, duas espécies de visitantes: peregrinos e turistas.

Algumas pessoas já nos fizeram notar que não gostam de ver lá a palavra «turista». Na sua ideia estamos a reconhecer, e talvez mesmo a aprovar, com essa atitude, uma realidade que algumas vezes as choca profundamente e é que há, na verdade, quem se comporte como «turista» naquele local onde Nossa Senhora veio, antes de mais, chamar os crentes.

O problema que se nos põe é, portanto, o seguinte: deve o Santuário admitir a entrada de turistas no recinto de oração?

Para a resposta convém que procuremos, antes de mais, descrever os traços essenciais do turista para o distinguirmos do peregrino. Pois, muito simplesmente, turista será aquele que vai a Fátima PARA VER, enquanto que o peregrino será aquele que vai lá PARA ORAR. Sim ou não, portanto, devemos permitir que as pessoas entrem em Fátima só PARA VEREM? Entenda-se que quem diz «ver» diz tirar fotografias, informar-se do que há e do que houve, conhecer as pessoas, os hábitos, os acontecimentos, comprar recordações, etc., mas sem fazer oração.

Entenda-se também que ser turista não significa necessariamente fazer barulho no recinto de oração, levar cãesinhos pela mão ou entrar em fato de banho (já tem acontecido nos dias mais quentes do Verão, e não só com crianças); mas é normal que atitudes do género sejam tomadas mais por quem vai lá só para se distrair um pouco e levar para os amigos umas quantas fotografias. As pessoas que não têm fé, ou não costumam frequentar a igreja, entram mais facilmente pelo Santuário dentro como entram nas Grutas de Santo António, do que alguém que sabe o que é um espaço sagrado ou vai lá com

intenção de passar umas horas de reflexão diante de Deus. Normalmente, portanto, turistas serão os que não têm fé ou a têm muito apagada. Aos outros, um lugar como Fátima devia necessariamente dizer qualquer coisa de sério e espiritual ainda que não conhecessem nada dos acontecimentos de 1917. Mas dirá, de facto?

Com esta pergunta já se poderá captar melhor a razão que nos levou a considerar os «turistas» como possíveis e legítimos visitantes de Fátima. Primeiro que nada, achamos normal que as portas dos edifícios ou espaços reservados à oração se abram também aos que, não partilhando connosco da nossa fé, desejam tomar conhecimento das obras que criámos. Trata-se de uma curiosidade legítima que pode ser aproveitada para maior comunhão entre homens diferentes. Mas a principal vantagem que vemos no apelo ao turista está em que um tal apelo pode despertar a consciência de tantos cristãos que nos visitam e se não lembrariam de que o são, se vissem que toda a gente era considerada como «peregrino». Quem constitui, na realidade, grande parte das «excursões» que fazem de Fátima ponto de passagem são os turistas.

Ora o comportamento desses cristãos não se distingue muitas vezes do comportamento de um turista anónimo: gritam, fotografam de qualquer maneira e correm de um lado para o outro como se tivessem que levar o Santuário todo para casa dentro da cabeça ou das máquinas fotográficas; são também capazes de acender uma vela a Nossa Senhora — a quem chamam «a Santinha» quando não a confundem com qualquer «santa» — mas vão-se embora sem terem penetrado nada nas razões que levaram o Céu a manifestar-se tão extraordinariamente naquele local.

O espectáculo torna-se aflitivo quando os visitantes são alunos das nossas escolas primárias ou secundárias. E não é só pelo barulho, normal em crianças e adolescentes; mas é pelo à-vontade, quando não pelos comentários agarrotados que alguns mais velhos se permitem fazer, sem responsabilidade. E en-

tretanto estes jovens são cristãos.

Ora, voltando ao que acima dizíamos, temos esperança de que, ao verem, nos cartazes, duas categorias de visitantes devidamente consideradas, se interroguem acerca da categoria que lhes convém e se decidam pela de peregrinos.

Em conclusão, ao dirigimo-nos, pelos cartazes, aos TURISTAS, queremos ter uma palavra de acolhimento para os que o são de verdade e despertar os que o são mas não o deveriam ser para a graça que o Senhor quer conceder-lhes se estiverem atentos ao seu apelo naquele local muitas vezes sagrado.

P. LUCIANO GUERRA  
REITOR DO SANTUÁRIO



D. ANTÓNIO RIBEIRO,  
CARDEAL-PATRIARCA DE LISBOA, PRESIDINDO À PEREGRINAÇÃO DE MAIO

### A Peregrinação Nacional de Maio integrada no Ano Santo

Constituiu uma grandiosa jornada de fé, de oração fervorosa e de penitência a peregrinação nacional integrada nas comemorações do Ano Santo em Portugal.

Muitas centenas de milhar de pessoas, de Norte a Sul do país, suportaram chuva, incómodos dumanoite sem dormir, apertos, caminhadas longínquas para estarem presentes na manifestação colectiva, na súplica uníssona, para que haja paz na terra portuguesa, súplica que se adivinhou mais fervorosa pela hora grave que se vive.

Durante toda a noite, sucederam-se os turnos de velada ao Santíssimo Sacramento exposto na colunata. Os sacerdotes revezaram-se nas pregações e nas orações. A Liga da Acção Missionária esteve presente no primeiro turno.

Para que se vivesse maior espírito comunitário, não foi celebrada a chamada missa da comunhão geral, às 7 horas da manhã, assim como também não foram autorizadas celebrações da missa na Basílica. Este templo foi reservado para confissões e, por isso, durante a tarde do dia 12 e parte

da noite e da manhã do dia 13, ali se conservaram dezenas de sacerdotes que atenderam muitos milhares de fiéis em confissão.

Às 8 horas foi rezado o terço do rosário com cânticos e leituras bíblicas.

Às dez horas e meia, a multidão concentrou-se no recinto.

Em volta da capela das aparições concentraram-se sacerdotes, religiosos, seminaristas. Muitos peregrinos ostentavam bandeiras, predominando as do movimento do Exército Azul.

O sr. D. António Ribeiro, Cardeal-Patriarca de Lisboa, os bispos e sacerdotes paramentaram-se na capela do Hospital e formaram um cortejo acompanhando a imagem de Nossa Senhora que saíu da capelinha aos ombros de cadetes da Escola e do Colégio Militar e passou entre alas de peregrinos para o altar da tribuna na escadaria da Basílica.

O presidente da assembleia e mais de 200 sacerdotes e bispos de quase todas as dioceses de Por-

# O ANO SANTO no momento actual da Vida Portuguesa

Vimos em peregrinação ao Santuário de Fátima. Trazemos connosco as comunidades cristãs de Portugal e do Mundo às quais pertencemos e a que estamos unidos pela comunhão de uma só fé e de um só baptismo.

Somos Igreja. Por isso, em nós deve transparecer o rosto sereno e firme, alegre e confiante, humilde e penitente, de quem caminha na história dos homens e com eles partilha, bem de dentro, as esperanças e as angústias, as alegrias e as penas, as certezas e as interrogações da hora actual. Tudo isso, mais a graça e a luz de Deus, compõe a face da Igreja e marca os passos da sua caminhada na terra. De tudo somos portadores e todos assumimos, em fraterna comunhão eclesial, a responsabilidade que nos cabe no tempo e na história.

ção é projecto e propósito que nasce da alma do povo português. E a presença simultânea destas vozes basta para lhes garantir sinal de autenticidade e nos mover a prestar-lhes a adesão que merecem.

## A RENOVACÃO DA VIDA PORTUGUESA

Renovar os homens e as instituições, sem atropelo ao direito e na observância da fraternidade humana e cristã é tarefa a que todos somos convocados no momento actual.

Uma sociedade nova precisa de homens novos. E as instituições, ainda que alteradas na forma, só deixarão de ser velhas quando forem servidas e constituídas por homens renovados. E ninguém pense já ter atingido a meta da renovação. Quem assim pensasse assemelhar-

tesca de erguer um Portugal melhor.

Esta é hora de os católicos se empenharem a valer, em pluralismo das opções políticas que a sua consciência cristã ditar, no esforço comum de um novo projecto de vida. Como já foi escrito, «permitir que a nova sociedade portuguesa se construa sem eles, pode ser, neste momento, o maior pecado dos cristãos».

Tem a Igreja Católica um corpo de doutrina social que, na linha da fecundidade básica da inspiração das acções, não teme confronto com outros pensamentos, mesmo dos mais progressivos. É certo que ninguém poderá encontrar aí soluções já feitas para os muitos problemas da organização económica, social e política. Mas também é verdade que nenhuma estruturação válida e ao serviço dos homens pode erguer-se sobre pilares antagónicos aos que o pensamento social da Igreja propõe.

A nova ordem social terá de assentar na verdade e na justiça, na liberdade e no amor e na paz. São estes, por certo, os valores que presentemente se anunciam e, diante de tal anúncio, nenhum cristão deixará de se alegrar. Com todos os homens de boa vontade, os cristãos são pregoeiros e artífices de um mundo novo, sempre voltado para o futuro, onde a mentira seja abolida, onde a injustiça não tenha foros de cidadania, onde a recta liberdade de todos possa ser respeitada e vivida, onde o ódio desapareça e a guerra dê lugar à paz e à concórdia fraterna. Esse mundo é o mundo novo do Evangelho. Bem sabemos que a sua efectivação plena transcende os limites do tempo e entra pela eternidade. Mas não

ignoramos, de igual modo, que é dever grave do cristão abrir-lhe espaços, já neste mundo, e contribuir para que, desde agora, ele germine e cresça e floresça.

## A RECONCILIAÇÃO FRATERNA DOS PORTUGUESES

A par da renovação, impõe-se-nos também um urgente trabalho de reconciliação fraterna. Exige-o, em relação a todos os portugueses, o testemunho da esperança recentemente erguida e os sinais quase messiânicos de algumas expressões em que se traduziu. Pede-o ainda, no que toca aos cristãos, o postulado essencial da letra e do espírito do Evangelho. Recebemos de Jesus o mandamento do amor, expresso em termos que resumem toda a Lei e os Profetas. «Quem ama Deus — escreyeu o Apóstolo S. João — ame também o seu irmão» (1 Jo. 4, 21). E o próprio Senhor nos disse: «Este é o meu preceito: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (Jo. 15, 12).

O amor, quando é verdadeiro, exige alteridade pessoal e vai ao encontro do próximo, mais para dar do que para receber. Faz comunhão sem destruir as pessoas e gera harmonia sem desfazer diferenças legítimas. O amor cristão, cuja medida suprema é a entrega de Cristo, vai ao ponto de amar os inimigos: «Ouvistes o que foi dito aos antigos: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para serdes filhos de vosso Pai que está nos

## HOMILIA DO CARDEAL-PATRIARCA DE LISBOA NA MISSA DA PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO

Subimos a esta montanha sagrada para aqui, melhor e mais alto, ouvirmos e meditarmos as vozes que nos chegam da terra e do céu. As da terra trazemo-las connosco e, nesta hora, elas falam-nos — especialmente a nós, portugueses — de renovação de pessoas e de instituições, de vida humana partilhada na liberdade e na responsabilidade, de conjugação de esforços para construir um mundo novo, onde reinem a verdade e a justiça, o amor e a paz. E as vozes do céu descem ao encontro destas, para nos inculcar a necessidade permanente de mudança de vida, de conversão dos corações, de reforma das estruturas sociais e de reconciliação fraterna entre os homens, que todos são filhos do mesmo Pai.

Há mais de meio século, fez-se ouvir aqui, neste lugar da Cova da Iria, a palavra confiante da Mãe de Deus a pedir penitência e oração. Penitência é sinónimo de mudança para melhor, de renovação interna e externa, de transformação profunda pela qual as pessoas e as instituições renascem a uma vida nova. Oração significa comunhão com Deus, estreitamento dos laços que nos unem a Ele e, n'Ele, à humanidade inteira.

A Mensagem de Fátima, pela raiz evangélica que a constitui, não é mensagem circunscrita a um determinado tempo ou a um lugar restrito. Ela dirige-se à universalidade e é plenamente actual, nas circunstâncias concretas do nosso existir de hoje. Identifica-se, em boa medida, com o apelo do Papa, proposto aos homens como programa do Ano Santo que estamos a viver, e vem ao encontro das aspirações e esperanças profundas da comunidade nacional portuguesa.

Renovação e reconciliação é mensagem que desce do céu. Renovação e reconciliação é apelo que chega de Roma. Renovação e reconcilia-

-se-ia ao fariseu do Evangelho, que orgulhosamente ousava dizer: «não sou como os outros homens que são ladrões, injustos e adúlteros» (Lc. 18, 11).

Todos necessitamos de renovação. Todos precisamos de nos converter do pecado à graça e dos ídolos ao Deus verdadeiro. Todos somos pecadores e, se em verdade nos colocarmos diante de Cristo, nenhum de nós terá direito de arremessar ao outro a primeira pedra (cfr. Jo. 8, 1-11). A mensagem evangélica exige que nos convertamos e acreditemos na Boa-Nova (cfr. Mc. 1, 15). A Virgem de Fátima pediu-nos que emendássemos a vida e não ofendéssemos mais o Senhor, já tão ofendido. O Santo Padre proclama ser necessário renovar o homem, a partir de dentro.

Com homens renovados, garantida estará também a indispensável renovação das estruturas da vida social. Esta é certamente a hora de metermos ombros à tarefa apaixonante de construirmos, na justiça e no amor, um Portugal melhor, mais humano e mais cristão. Como, há pouco, lembravam os bispos da Metrópole, em nota pastoral colectiva, não cabe à Igreja propor modelos concretos e soluções técnicas de estruturação da vida social. E logo acrescentavam: «Estes modelos e soluções têm de ser encontradas pelo esforço conjugado de todos os cidadãos. Os leigos católicos, por vocação humana e cristã, devem participar generosamente neste esforço comum, garantindo aí a projecção do Evangelho».

Esta é hora de esforço conjugado de todos os cidadãos. É indispensável que todos, para lá das legítimas e razoáveis discrepâncias de pensamento e de actuação, coloquem os interesses colectivos acima dos egoísmos individuais ou de grupo e se dêem as mãos, na obra gigan-

## A Peregrinação de Maio

Continuação da 1.ª página

tugal, e ainda um bispo das Filipinas, tomaram parte na concelebração da Eucaristia.

Os peregrinos estrangeiros assistiram na colunata do Sul, e os doentes, entre os quais o grupo procedente da Itália, assistiram na colunata do Norte, para onde haviam sido conduzidos pelos servitas e escuteiros.

Assistiu também o sr. Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, patriarca resignatário de Lisboa.

Depois da Liturgia da Palavra, o Cardeal-Patriarca de Lisboa proferiu a homilia sobre o Ano Santo no momento actual da vida portuguesa, a qual, pela sua oportunidade e importância, publicamos na íntegra.

A oração universal foi pronunciada em português, inglês, alemão, francês, espanhol, italiano, húngaro, flamengo e eslavo.

Na altura da comunhão, dezenas de sacerdotes desceram ao recinto

para distribuição da Sagrada Partícula a muitos milhares de peregrinos.

Na missa da noite do dia 12 e nesta missa comungaram 42.000 pessoas.

Foi antes de terminada a missa que o sr. Cardeal-Patriarca deu a bênção do Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes, cerimónia que, pela primeira vez, se integrou na celebração da Eucaristia por determinação da Sagrada Congregação para o Culto Divino.

Finda a missa, o Cardeal-Patriarca recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e formulou o compromisso final da peregrinação.

O Sr. Bispo de Leiria recitou a oração pelo Santo Padre para que todos os peregrinos lucrassem a indulgência do Ano Santo.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus com a imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições.

céus, o qual faz nascer o sol sobre maus e bons e ordena que chova sobre justos e injustos» (Mt. 5, 43-45).

Caminhamos decididamente para uma sociedade pluralista. Bem é que nela existam opções diversas de pessoas e grupos e acções organizadas segundo esquemas diferentes de honesta actuação cívica. Mas necessário é também que nunca desfaleça o amor.

Na carta pastoral de 4 de Maio de 1973, os Bispos da Metrópole escreviam que, salvaguardando o bem comum, a Igreja reconhece e defende o pluralismo de opções políticas, e acrescentavam: «A unidade apenas se impõe, pelo que respeitosa aos fiéis, no princípio básico de uma inspiração cristã, que desde o início deve acompanhar toda a actividade política, e no objectivo último do desenvolvimento integral do homem».

Alguns não quiseram, então, ouvir a voz da Igreja e não faltou até quem publicamente se lhe opusesse, em gesto de lamentável solidariedade com determinadas forças económicas ou certos poderes políticos. Hoje, é diferente o panorama da vida pública portuguesa. Do fundo da alma, pedimos a Deus que se consolidem, entre nós, as verdadeiras expressões da legítima participação plural e se garantam as autênticas liberdades de uma justa convivência cívica, no respeito recíproco de pontos de vista diferentes e no diálogo fraterno de responsabilidades criadoras.

A liberdade não se identifica com a libertinagem, nem com a espontaneidade instintiva, nem com a explosão de ódios ou paixões. Ser livre é ser capaz de escolher, na lucidez da inteligência serena e na força da vontade recta. Tanto mais se é livre, quanto melhor for a escolha realizada. A liberdade autêntica corrompe-se no mal e dissolve-se no pecado. Nenhum estatuto a preserva eficazmente, quando ela por aí envereda. Ser livre é ser responsável diante de Deus e dos homens, é dizer sim ao bem e não ao mal, é respeitar a liberdade alheia como se da própria fosse questão.

A liberdade e o amor firmam-se na justiça e desabrocham na paz. Esta é o grande dom de Deus à humanidade. Importa, pois, pedi-la ardentemente ao Céu e construí-la sem desfalecimento na terra. O povo português deseja a paz e pretende estabelecer a paz nos territórios do Ultramar, mediante o empenhamento e a participação livre de quantos dela irão beneficiar. Permita Deus que, em breve, as espadas e as lanças da guerra se transformem em instrumentos de paz e de prosperidade (cfr. Is. 2, 4).

Desde o começo, Fátima foi sempre esperança de paz. Milhares e milhares de peregrinos aqui têm vindo implorar esse precioso dom de Deus para Portugal e para o Mundo em guerra. Em tal propósito, também nós viemos hoje aqui. Fixamos o olhar na protecção materna de Nossa Senhora do Rosário da Cova da Iria e renovamos, com todo o fervor, a consagração da Pátria portuguesa ao seu Imaculado Coração.

Como na última Exortação Apostólica do Papa Paulo VI sobre o culto a Nossa Senhora, nós, os cristãos portugueses, bem podemos dizer: «A Igreja Católica, apoiada numa experiência de séculos, reconhece na devoção à Virgem Santíssima um auxílio poderoso do homem em marcha para a conquista da sua própria plenitude. Maria, a Mulher nova, está ao lado de Cristo, o Homem novo, em cujo mistério, somente, encontra verdadeira luz o mistério do homem».

Estamos a caminho de fases importantes da nossa vida pessoal e comunitária. Acompanhe-nos, sempre e em todas as circunstâncias, a protecção e a bênção da Virgem Santa Maria, Senhora Aparecida em Fátima e Padroeira de Portugal.

## O Santo Padre abençoa a Peregrinação

Em carta dirigida ao Sr. Bispo de Leiria, o Papa Paulo VI incita-nos à renovação e reconciliação e abençoa os peregrinos do Ano Santo na Fátima.

Vaticano, 6 de Abril de 1974

Senhor Bispo

Deliberaram os veneráveis Irmãos Bispos desse País aproveitar o ensejo da próxima peregrinação de 13 de Maio à Fátima, para estimular e aprofundar a vivência do «salutar movimento espiritual e penitencial que interessa toda a Igreja», de momento, qual é o Ano Santo. E disse quiseram dar tempestivo e oportuno informe ao Santo Padre, solicitando-Lhe o querer abençoar, com a iniciativa, os milhares de fiéis das suas Igrejas locais, que irão congregarem-se, certamente, nesse Santuário, em tal ocasião, como sói acontecer.

Tenho a honra e o grande prazer de significar o comprazimento com que o Sumo Pontífice tomou conhecimento da acertada medida do Episcopado Português, bem ao ritmo da Igreja universal.

Essa peregrinação, aliás, deveria coincidir com o encerramento de outra iniciativa, de alcance eclesial, em programa para ser actuada nesse mesmo Santuário de Fátima: o II Congresso Internacional para a Distribuição do Clero no Mundo. Inopinados motivos da última hora impediram que ele se pudesse concretizar. Também por isso, Sua Santidade me fez intérprete do Seu apreço pelo empenho, dedicação e disponibilidade dos Senhores Bispos e dos seus mais directos colaboradores, no preparar tal realização.

Mais me confia o Vigário de Cristo transmitir, pela presente, antes de mais, uma benevolente palavra de saudação aos peregrinos que irão confluír na Cova da Iria, provenientes de todo o dilecto Portugal e de outras partes do mundo, assegurando-lhes a Sua paterna estima, e aos Pastores que os guiam o Seu afecto fraterno no Senhor.

Peregrinar é algo congénito à nossa condição de novo Povo de Deus, de baptizados, «enquanto habitamos no corpo». Peregrinar em busca daquele «revestir-se, para o que é mortal em nós, seja absorvido pela vida»; e revestir-nos, primeiro que tudo, de sentimentos de glorificação a Deus, no esforço por «lhe sermos muito agradáveis (cfr. 2 COR. 5, 3 ss.) com todo o nosso comportamento cristão, inspirado por «aqueles mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» (FILIP. 2, 5).

Depois, formando todos a Igreja peregrina, na caminhada com os irmãos, hemos de revestir-nos de sentimentos de solidária comunhão, não apenas com os «santos» (cfr. ROM. 12, 13), mas com todos os homens igualmente, a quem devemos fazer o bem, sempre (cfr. GAL. 6, 6): todos, mais ou menos conscientemente, «comungamos, embora de modo e em graus diversos, no amor de Deus e do próximo e entoamos a Deus o mesmo hino de louvor», na expressão do recente Concílio Ecumé-

## Oração Universal

Congregados aqui pela PALAVRA RENOVADORA de Deus, que nesta montanha sagrada se faz graça carismática para os nossos tempos, oremos, irmãos, para que o Senhor seja, para todos nós, caminho, verdade e vida.

1. Pela Santa Igreja, para que busque, na Palavra de Deus, a seiva nova de uma nova Primavera — oremos, irmãos.
2. Pelos apóstolos escolhidos para o anúncio da Boa-Nova, a fim de que traduzam pelas obras a Palavra que anunciam com os lábios — oremos, irmãos.
3. Pelos pais, pelos educadores e por todos os condutores do povo, para que façam das suas palavras sementes de amor e de paz — oremos, irmãos.
4. Por Portugal, nesta hora de caminhos novos, a fim de que a grande palavra de AMOR que o Senhor nos legou seja fermento de unidade, num povo unido para a renovação — oremos, irmãos.
5. Pelos doentes que aqui, e ao longe, celebram connosco o dom da palavra divina, para que o Senhor os alivie dos seus sofrimentos — oremos, irmãos.

Senhor, vós, que dissestes «pedi e recebereis», atendei com particular benevolência as preces que Vos apresentamos neste lugar e neste dia que escolhemos para nos reunir em tão grande número. — P. N. S. J. C.

nico (Const. dogm. LUMEN GENTIUM, 46). Tal comunhão, para ser perfeita, envolve naturalmente «rupturas» com tudo o que é contrário à verdade, à justiça e à fraternidade; isso é preciso, para, como peregrinos, termos «um bom comportamento», conforme ensina São Pedro (I PEDR. 2, 12), de molde a contribuir para um mundo mais humano, em que os direitos e legítimas aspirações de todos e cada um dos homens, em serena e construtiva liberdade, encontram o respeito e satisfação possíveis, na paz e no amor.

Mas, o peregrinar rumo a Deus, para o «homem novo», «ressuscitado com Cristo» no mistério da Fé e no milagre da Esperança, ombro a ombro com os irmãos de jornada iluminado pela Caridade, até chegar à salvação, é prevalentemente atitude de procura: sem nunca perder de vista a meta final, buscar metas interdiárias, que facilitem e encurtem a caminhada.

Os peregrinos de Fátima, neste Ano Santo, também vão procurar: procurar as fontes insubstituíveis da felicidade humana, pelos caminhos da oração, da penitência, da meditação e da partilha com os demais membros do Corpo místico das insondáveis riquezas da graça de Cristo. E certamente irão ficar contentes por ver bem sinalizados esses caminhos: a estrada da RENOVAÇÃO E DA RECONCILIAÇÃO, a seguir depois pela via da «RENOVAÇÃO PELO MINISTÉRIO DA PALAVRA», tema central em boa hora escolhido para essa peregrinação de 13 de Maio próximo.

Bem-aventurados os que conservam a Palavra num coração bom e virtuoso e dão fruto com a sua perseverança (cfr. LC. 8, 15). Sim, «viva é a Palavra de Deus e operante...» (HEBR. 4, 12), capaz de, quando ostentada nas boas obras, fazer-nos luzeiros do mundo, de molde a levar outros «a dar glória a Deus, quando lhe aprouver visitá-los» (I PEDR. 2, 11). Mas, quem há-de ministrar essa Palavra, repartir o pão aos pequeninos, como diria o vosso Padre Manuel Bernardes?

Os sacerdotes, naturalmente, responde São Paulo (cfr. ROM. 10, 14). E tal resposta do Apóstolo encerra uma interpelação e um programa denso, que os peregrinos de Fátima vão acolher, certamente, com coração generoso, também por saberem que é o Santo Padre que lho indica: «para que o Senhor da messe mande trabalhadores para a sua messe» (LC. 10, 2).

O problema da falta de sacerdotes: ele é de todos e de cada um dos membros da Igreja. Como é sabido, o gérmen duma vocação sacerdotal precisa: do sol primaveril de um testemunho autêntico e alegre para desabrochar; depois, do clima apto, em que os factores família, escola, comunidade sócio-cultural e, sobretudo, comuni-

dade eclesial, não-de permitir o seu desenvolvimento, pujante, robusto e tempestivo, até à florescência e ao frutificar, em proveito do Reino de Deus, estabelecido ou a estabelecer, dada a dimensão missionária da mesma Igreja. Eis, pois, um riquíssimo tema de oração e de reflexão a traduzir em vida vivida, individual e comunitariamente.

Com votos por que essa peregrinação do próximo dia 13 de Maio, pelo valimento de Maria Mãe da Igreja, seja para todos os que nela participem um passo em frente no caminho da reconciliação, consigo mesmos, com os outros e com Deus, para a renovação auspiciada pelo Ano Santo, o Sumo Pontífice outorga de bom grado a todos os peregrinos — Pastores e fiéis — uma propiciadora e ampla Bênção Apostólica.

Aproveito a grata oportunidade para lhe renovar, Senhor Bispo, os protestos da minha fraterna estima e consideração em Cristo.

J. CARD. VILLOT

Dia 12 de Maio  
às 19 horas na Capelinha

Saudação do Senhor  
Cardeal-Patriarca  
de Lisboa aos Peregrinos no início  
da Peregrinação

Vimos à Fátima para rezar e fazer penitência.

De facto, a oração e a penitência constituem os dois pólos da Mensagem que Nossa Senhora aqui entregou à humanidade, recordando-lhe elementos essenciais do Evangelho de Jesus.

Associo-me à vossa oração e à vossa penitência e desde já vos saúdo de todo o coração.

Rezemos pela Santa Igreja, pelo Papa e pelos Bispos em comunhão com eles, pelas nossas Pátrias e seus governantes. Rezemos enfim pela paz do mundo e pelo progresso e harmonia entre as Nações.

Façamos penitência deixando-nos converter a Deus e aos irmãos numa vida renovada e numa atitude de reconciliação fraterna.

Renovação e reconciliação são os dois objectivos que o Papa propôs à Igreja como programa do Ano Santo em curso.

# A JACINTA E A EUCARISTIA

**N**OSSO SENHOR ficou no Santíssimo Sacramento com o seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, tão real e perfeitamente como está no Céu. Os três Pastorinhos, com uma expressão encantadora, chamavam-lhe, como recordámos no mês anterior, *Jesus Escondido*. Quanto gostava a Jacinta de passar longas horas ao pé do sacrário a oferecer-Lhe actos de reparação e amor! Mas os curiosos e devotos interrompiam com frequência esses ternos colóquios, o que levava a pequenita a queixar-se com sentida pena:

« — Parece que adivinham! Logo que a gente entra na igreja, é tanta gente a fazer-nos perguntas. Eu gostava de estar muito tempo sozinha a falar com Jesus escondido, mas nunca nos deixam!

Na verdade aquela gentinha simples das aldeias não nos deixava. Contava com toda a simplicidade todas as suas necessidades e aflições».

Uma doença cruciante prostrava no leito. Lúcia, de passagem para a escola, que ficava junto da igreja paroquial, ia visitá-la. A peque-

nina transmitia-lhe então os seus recados:

« — Olha, diz a Jesus escondido que eu gosto muito d'Ele e que O amo muito.

Outras vezes dizia:

« — Diz a Jesus que Lhe mando muitas saudades».

Não poder realizar o seu anseio de se unir sacramentalmente a Jesus constituía uma das suas maiores amarguras.

Noutra ocasião — conta a Lúcia — levei-lhe uma estampa que tinha o sagrado cálix com uma hóstia. Pegou nele, beijou-o e, radiante de alegria, dizia:

« — É Jesus escondido. Gosto tanto d'Ele! Quem me dera recebê-Lo na igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar, eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital levar-me outra vez a Sagrada Comunhão, que contente eu ficava!»

Nossa Senhora anunciou-lhe que ia morrer sozinha. Esta perspectiva e sobretudo a ideia de morrer sem receber Jesus dilaceravam-lhe o coração.

Relata Lúcia: «Perguntava-me às vezes: — E vou morrer sem receber Jesus Escondido? Se mo levasse Nossa Senhora, quando me for buscar!»

Que delicadeza encantadora e viva Fé demonstra o seguinte facto, contado por sua prima:

«Quando às vezes voltava da igreja e eu entrava em sua casa, perguntava-me: — Comungaste?»

Se lhe dizia que sim: *Chega-te aqui bem para mim, que tens em teu coração Jesus escondido*».

Se não lhe era dado albergar em seu peito a Jesus escondido, Nosso Senhor recompensava-a morando talvez no seu coração por meio duma presença especial de que só gozaram os maiores místicos e os grandes santos. É o que se pode legitimamente concluir desta sua confidência:

« — Não sei como é. Sinto a Nosso Senhor dentro de mim, compreendo o que me diz e não o vejo nem o oiço, mas é tão bom estar com Ele!»

Quando a pequenita veio para o Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres em Lisboa, para ser operada, sentiu grande consolação por viver junto de Jesus escondido, debaixo das mesmas telhas. Efectivamente aquela casa de caridade tem uma tribuna que deita para a capela dos Milagres. Vinha ali passar longas horas sentada numa cadeirinha diante do Santíssimo Sacramento a rezar e meditar, de olhos fitos no sacrário.

A Madre Maria da Purificação Godinho, a quem a doentinha dava o apelativo de Madrinha e era a Directora do Orfanato, escreve:

«Reparando que algumas pessoas não estavam com a devida compostura e atenção, dizia-me:

« — Não deixe, Madrinha, que esta gente não esteja diante do Santíssimo Sacramento como se deve estar. Na igreja deve-se estar sossegado e não falar. Se esta pobre gente soubesse o que a espera!...

Eu descia então à capela e dava os avisos que entendia, mas nem sempre conseguia bom resultado; e, quando voltava acima, a Jacinta perguntava:

« — Então?

« — Não querem saber de nada — respondia-lhe.

Jacinta, tomando um ar muito sério, dizia-me:

« — Paciência! Mas Nossa Senhora sempre fica muito contente com a Madrinha! E recomendava-lhe que sofresse tudo por amor de Nosso Senhor.

Imitemos a pastorinha Jacinta, na sua Fé, amor e respeito para com o grande mistério do Santíssimo Sacramento dos nossos altares.

P. FERNANDO LEITE

## Retiros e Recolecções para Sacerdotes na Fátima

Durante o ano corrente, vão realizar-se ainda, no Santuário da Fátima, turnos de exercícios espirituais para sacerdotes, nas datas seguintes: 15 - 20 de Julho, 15 - 18 de Setembro e 21 - 25 de Outubro. De 30 de Setembro a 4 de Outubro, haverá também um retiro para sacerdotes espanhóis.

As inscrições devem ser feitas na Secretaria Episcopal de Leiria.

Continuam a realizar-se, sempre na primeira segunda-feira de cada mês, as recolecções espirituais para sacerdotes de todo o País. A parte espiritual começa às 10.30 e é preenchida com duas meditações, adoração ao SS. Sacramento, reflexão pessoal e confissões. A reflexão pastoral começa às 15 horas e é preenchida com uma conferência, seguida de diálogo. Termina tudo às 17 horas.

Estas recolecções mensais têm tido uma média de presenças de cerca de 50 sacerdotes.

### Aos Rev.<sup>os</sup> Párocos e Chefes de Trezena

1. Graças a Deus que tudo se vai normalizando com a VOZ DA FÁTIMA e o ANO SANTO.

2. Insistimos no pedido de que todos os assuntos sejam tratados directamente com os Rev.<sup>os</sup> Directores Diocesanos e não com o Santuário.

3. Alguns chefes ainda se não deram conta de que o ANO SANTO e a VOZ DA FÁTIMA são expedidos separadamente e ficam todos aborrecidos quando os não recebem juntos. Na realidade temos que continuar a expedição separada, mas fazemos todo o possível por que os recebam ambos ao mesmo tempo.

4. Também alguns ainda não perceberam que o ANO SANTO só é enviado a quem o pediu expressamente. Por favor, se o desejam, peçam-no através do director diocesano.

5. Atravemo-nos a fazer um PEDIDO IMPORTANTE: que se faça todo o possível por não haver desistências senão no princípio do ano. As desistências durante o ano agravam o trabalho da administração e são causa de muitas confusões.

6. Continua de pé a ideia do encontro de Chefes de Trezena em Fátima. A data será de 3 a 5 de Outubro. Será só para Chefes (incluindo os Rev.<sup>os</sup> Párocos) e aspirantes. Por favor, os interessados dirijam-se aos directores diocesanos, a ver se vencemos, juntos, as principais dificuldades. Sejamos muitos ou sejamos poucos, é Nossa Senhora quem nos chama, e o nosso encontro há-de ficar marcado pelo carinho d'Aquela que nos revelou, em Fátima, a ternura do Seu Imaculado Coração.

A todos muito obrigado.

P. LUCIANO GUERRA  
Reitor do Santuário



**A DIOCESE DE LEIRIA NA FÁTIMA** — No dia 31 de Março, a Diocese de Leiria, com o seu Bispo à frente, peregrinou até ao Santuário da Fátima para lucrar a indulgência do Ano Santo. A gravura mostra-nos um aspecto dessa peregrinação.